



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3



**Bianca Camargo Martins
(Organizadora)**

Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3

Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série. CDD 711
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919121	
CAPÍTULO 2	14
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.4651919122	
CAPÍTULO 3	32
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.4651919123	
CAPÍTULO 4	48
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4651919124	
CAPÍTULO 5	60
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.4651919125	
CAPÍTULO 6	72
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4651919126	

CAPÍTULO 7	83
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4651919127	
CAPÍTULO 8	96
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
DOI 10.22533/at.ed.4651919128	
CAPÍTULO 9	108
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
DOI 10.22533/at.ed.4651919129	
CAPÍTULO 10	122
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
DOI 10.22533/at.ed.46519191210	
CAPÍTULO 11	134
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDADANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191211	
CAPÍTULO 12	147
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
DOI 10.22533/at.ed.46519191212	
CAPÍTULO 13	159
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
DOI 10.22533/at.ed.46519191213	

CAPÍTULO 14	172
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46519191214	
CAPÍTULO 15	190
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.46519191215	
CAPÍTULO 16	202
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
DOI 10.22533/at.ed.46519191216	
CAPÍTULO 17	217
MINHOÇÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
DOI 10.22533/at.ed.46519191217	
CAPÍTULO 18	231
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.46519191218	
CAPÍTULO 19	244
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.46519191219	

CAPÍTULO 20	256
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.46519191220	
CAPÍTULO 21	264
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.46519191221	
CAPÍTULO 22	278
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
DOI 10.22533/at.ed.46519191222	
CAPÍTULO 23	290
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.46519191223	
CAPÍTULO 24	302
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191224	
CAPÍTULO 25	316
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191225	

CAPÍTULO 26	328
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
DOI 10.22533/at.ed.46519191226	
CAPÍTULO 27	344
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.46519191227	
CAPÍTULO 28	357
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46519191228	
CAPÍTULO 29	370
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
DOI 10.22533/at.ed.46519191229	
CAPÍTULO 30	380
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
DOI 10.22533/at.ed.46519191230	
CAPÍTULO 31	393
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

CAPÍTULO 32	406
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46519191232	
CAPÍTULO 33	417
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
DOI 10.22533/at.ed.46519191233	
CAPÍTULO 34	424
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
DOI 10.22533/at.ed.46519191234	
CAPÍTULO 35	441
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.46519191235	
CAPÍTULO 36	447
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
DOI 10.22533/at.ed.46519191236	
CAPÍTULO 37	472
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191237	
SOBRE A ORGANIZADORA	493
ÍNDICE REMISSIVO	494

CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Ana Laura Vianna Villela

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

Gabriela Borges da Silva

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

Emanuelli Schneiders

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

Aléxander Augusto Ortmeier

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

Maryon Brotto

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

Isadora Zanella Zardo

UNOCHAPECÓ, Curso de Arquitetura e Urbanismo
Chapecó - SC

pelos contextos sociais, históricos, culturais e tecnológicos vigentes. Parte-se do entendimento de que a cidade é uma unidade geradora de bem-estar e que esta perpassa pela existência de espaços livres públicos. Neste sentido investiga-se o desenho de urbanização expressa na estrutura urbana de Chapecó/SC e Passo Fundo/RS, a partir da análise da constituição e consolidação destes núcleos urbanos. Neste contexto delinea-se os principais aspectos da relação espaços livres - território urbanizado e conseqüentemente seus impactos sob a qualidade de vida dos habitantes. Para tanto se apresenta e discute a cartografia temática, que inclui a análise de figura-fundo, como instrumento de interpretação dos espaços livres públicos na estrutura urbana, explorando o estudo comparativo como categoria de análise a fim de refletir sobre a intrínseca relação espaço-sociedade. Por fim comprovou-se que ambas as cidades ao longo do tempo perderam potencial para área urbana de uso público e coletivo, tal como, parques, praças, APPs, canteiros e calçadas, mas com processos diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: espaços livres públicos; estrutura urbana; Chapecó; Passo Fundo.

CHAPECÓ/SC AND PASSO FUNDO/RS:
COMPARATIVE STUDY OF PUBLIC FREE
SPACES

RESUMO: Viver coletivamente é uma experiência humana tão antiga quanto o próprio homem. Com isso, a sociedade vem construindo soluções diversas para atender as necessidades de cada época, influenciadas

ABSTRACT: Living collectively is a human experience as old as man himself. With this, society has been building diverse solutions to meet the needs of each era, influenced by the prevailing social, historical, cultural and technological contexts. It is based on the understanding that the city is a welfare generating unit and that it permeates the existence of public free spaces. In this sense, we investigate the urbanization design expressed in the urban structure of Chapecó / SC and Passo Fundo / RS, from the analysis of the constitution and consolidation of these urban centers. In this context, the main aspects of the relationship between free spaces and urbanized territory are outlined and, consequently, their impacts on the quality of life of the inhabitants. Therefore, the thematic cartography, which includes the figure-bottom analysis, as an instrument of interpretation of public free spaces in the urban structure, is presented and discussed, exploring the comparative study as a category of analysis in order to reflect on the intrinsic relation space-society. Finally it was shown that both cities over time lost potential for urban public and collective use, such as parks, squares, APPs, flowerbeds and sidewalks, but with different processes.

KEYWORDS: public free spaces; urban structure; Chapecó; Passo Fundo.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Art. 170 da Constituição Estadual de Santa Catarina e pela UNOCHAPECÓ. O texto foi previamente apresentado e publicado no XIV ENEPEA em Santa Maria de 02 a 06.10.2018. Site: <https://enepea2018.wixsite.com/santamaria>.

Viver coletivamente é uma experiência humana tão antiga quanto o próprio homem. Com isso, a sociedade vem construindo soluções diversas para atender as necessidades de cada época, influenciadas pelos contextos sociais, históricos, culturais e tecnológicos vigentes.

Efetivamente, uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excelente bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas (CULLEN, 1996, p. 09).

Parte desta unidade geradora de bem-estar das cidades está na existência dos espaços livres, aqui entendidos como todos os espaços que resultam dos processos de urbanização “não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho” (MACEDO, 1995, p. 16). “Parte-se, portanto, do princípio de que toda cidade possui um sistema de espaços livres que é produzido durante seu processo de formação tanto pelo Poder Público como pela iniciativa privada” (QUEIROGA et al, 2011, p. 13).

Para Raffestin (1993) o espaço é algo anterior ao território, pois este se forma a partir de uma ação: a territorialização, que inclui a construção de laços afetivos que

conectam os espaços vividos às trajetórias pessoais. Souza amplia a discussão ao entender que “o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder” (SOUZA, 2000, p.79), construído ou desconstruído, o que lhe confere as mais diferentes escalas de existência, tal como: temporal quando permanente, por anos, por meses ou por dias de forma periódica, cíclica...; e dimensional podendo envolver de pequenos espaços, como ruas, até continentes. Ou seja, a intencionalidade, ou não, pela existência de espaços livres públicos nas estruturas urbanas se apresentam como elementos de análise e compreensão do território nas escalas temporais e dimensionais. Para Foucault (1996) o indivíduo é o efeito do poder que sob ele atua, bem como sua transmissão, pois o poder perpassa pelo indivíduo que ele constitui.

Dessa forma assume-se a compreensão de território como

sendo uma construção social, que incorpora os processos econômicos e produtivos, define estratégias de dominação sobre o espaço e seus recursos e que se manifesta sobre uma base física, através de múltiplas apropriações, individuais e coletivas, delimitando marcas e marcos de identidade cultural (SCHLEE et al, 2011, p. 9).

Neste contexto a paisagem se estrutura como essência física, material, objetiva e categorizável e como essência simbólica, experimental e processual, ou seja,

como produto que incorpora os processos biofísicos e os processos sociais nela refletidos, em diversos tempos e escalas, e que apresenta elementos de integração ou fragmentação territorial, criando e recriando formas, funções e fluxos, com funções ecológicas diversas, em estágios diferentes de intervenção humana (SCHLEE et al, 2011, p. 14).

Teoricamente uma das ideias mais elucidativas de qualidade de vida nos centros urbanos foi argumentada por Jane Jacobs na década de 1960 por meio da proposta do planejamento para a vitalidade, onde defendia que as ruas, para serem utilizadas, deveriam ser desenhadas e equipadas para receber o desconhecido com segurança e acolhimento (JACOBS, 2000). Usuários seguros usam mais o espaço, em contrapartida, usuários inseguros se retiram do convívio nas ruas.

Jacobs sintetiza suas reflexões assegurando que o estímulo e a indução de um maior e mais variado espectro de diversidade de usos e de pessoas serve como importante base para atividades econômicas e sociais alimentando o magnetismo urbano também pronunciado por Cullen nesta mesma década. Del Rio (1990) contribui com o importante acréscimo do vínculo temporal, que relaciona a discussão ao registro no tempo e a carga histórica de cada local e que é muito importante para esta reflexão.

Neste sentido, investiga-se o desenho de urbanização expressa na estrutura urbana de Chapecó e Passo Fundo, a partir da compreensão dos espaços livres públicos quando da constituição e consolidação destes núcleos urbanos. Delineia-se

desta forma o impacto deste processo sob o território urbanizado e consequentemente sob a qualidade de vida dos habitantes. Para tanto, se apresenta e discute a cartografia temática, que inclui a análise de figura-fundo, como instrumento de interpretação do sistema de espaços livres públicos na estrutura urbana. Explora-se o estudo comparativo da perda dos espaços livres públicos como categoria de análise. Como objeto de estudo, trabalhou-se com as cidades médias de Chapecó/SC e Passo Fundo/RS (Figura 1) a fim de refletir sobre a intrínseca relação espaço-sociedade.

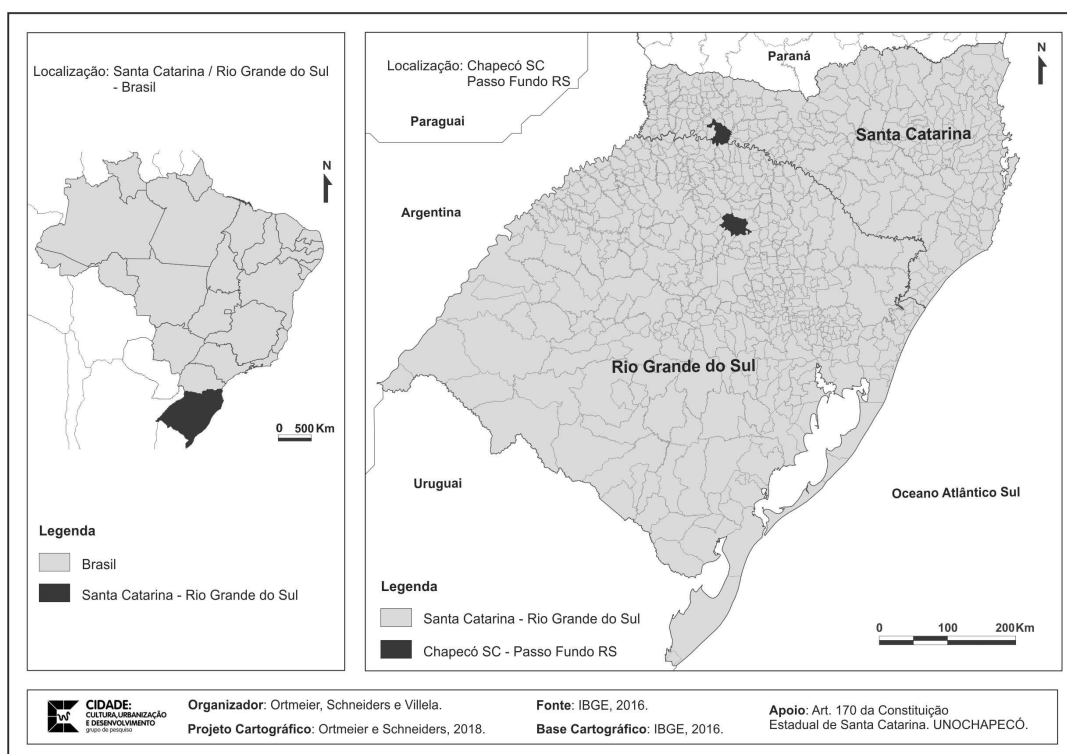


Figura 1: Localização de Chapecó/SC e Passo Fundo/RS. 2018.

Fonte: Alexander Ortmeier; Emanuelli Schneiders; Ana Laura Villela, sobre base IBGE, 2016.

2 | METODOLOGIA

A partir das discussões de Gerhardt e Silveira (2009) a metodologia vislumbrada para esta pesquisa é o estudo dos espaços livres públicos ao longo da consolidação das estruturas urbanas das cidades médias de Chapecó/SC e Passo Fundo/RS enquanto locais potenciais para a qualidade de vida nas cidades. Entende-se que sua existência por si só não garante a qualificação do espaço, mas indica intencionalidade para tal ação, e possibilita intervenções neste sentido. Contudo, o objetivo exploratório preocupa-se com o processo de consolidação dos núcleos urbanos a fim de construir reflexões sobre seus planejamentos.

Para análise utilizou-se a estratégia de estudo de caso que, segundo Yin (2010), é utilizada para contribuir com o conhecimento que se tem dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de

outros fenômenos relacionados. Os estudos de caso exploratórios permitem ao investigador elencar elementos e diagnosticar um caso com perspectivas de generalização naturalística e, conforme Gil (2002), também busca uma maior familiaridade com o problema exposto e o aprimoramento de ideias ou até mesmo a descoberta de novos fatos, sendo seu planejamento mais flexível.

A construção das cartografias se mostrou um campo instigante de dúvidas e de tomada de decisões no que tange a aplicabilidade da metodologia adotada, visto que se propõe analisar uma estrutura urbana próxima e relativamente conhecida, no caso de Chapecó/SC, e outro mais distante e não tão familiar como no caso de Passo Fundo/RS.

A opção por estudar cidades médias se pauta no importante papel de articulação regional que estas assumiram nas inúmeras transformações urbanas por que passou o Brasil, principalmente a partir dos anos de 1970/1980, quando cresceram e se alteraram, também, os papéis das regiões não metropolitanas. Esta movimentação foi muito influenciada pelos processos de industrialização e pela revolução informacional que abarcaram o contexto metropolitano, bem como acarretaram novos arranjos de organização e dinâmica destes espaços (Santos, 1993).

Ainda no contexto da urbanização brasileira observou-se nas últimas décadas um significativo crescimento das cidades “que estabelecem intermediação entre cidades maiores e menores no âmbito de diferentes redes urbanas e que, portanto, diferem das denominadas ‘cidades de porte médio’ cujo reconhecimento advém de seus tamanhos demográficos” (SPOSITO, 2007, p. 9). Para Corrêa (2007) a compreensão destes territórios perpassa pela combinação articulada entre tamanho demográfico, funções urbanas e a organização do espaço urbanizado. Chapecó/SC e Passo Fundo/RS, cidades analisadas neste artigo, são núcleos urbanos que ganham expressão a partir deste contexto nacional e por isso são importantes estruturas urbanas a serem analisadas¹.

Os períodos estudados foram estabelecidos a partir do processo de consolidação da estrutura urbana. O primeiro período corresponde ao núcleo base que para Passo Fundo data em 1922 e Chapecó em 1965. O segundo período analisa os impactos da política de descentralização da matriz econômica nacional das metrópoles para o interior do país, que para Passo Fundo pode ser observado na década de 1970 e Chapecó em 1996. O terceiro período abarca a contemporaneidade: 2016.

Para os períodos temporais acima citados utilizou-se a cartografia de figura e fundo como metodologia para a análise e interpretação do sistema de espaços

1 Para entender Chapecó/SC como cidade média ver MATIELLO et al., 2016 e para entender Passo Fundo/RS como cidade média ver SOBARZO, 2010.

livres públicos destas estruturas urbanas. A fim de explicitar a nítida demarcação entre estes os espaços, definiu-se como figura (cheios) os espaços livres públicos e, como fundo (vazios) os espaços privados.

A base das informações constantes nos mapas foi construída a partir da bibliografia e dos dados disponíveis nas Prefeituras Municipais. Complementarmente foram realizados conferências e ajustes através do google street view ou in loco.

Primeiramente os dados foram organizados em mapas individuais para cada cidade/período onde, foram espacializados em: preto (figura) para as áreas livres públicas (praças, parques) e as caixas de rua (espaço livre público contíguo compreendido entre os alinhamentos prediais); branco (fundo) para as áreas privadas; e sobreposto aos anteriores em cinza (figura) as áreas de preservação (APP) das margens dos cursos d'água (pois podem estar tanto em área pública como privada).

Num segundo momento montou-se o mapa síntese de cada cidade (Figura 2: Chapecó/SC e Figura 5: Passo Fundo/RS) e elaborou-se os quadros comparativos (Quadro 1: Chapecó/SC e Quadro 2: Passo Fundo/RS). O cálculo das áreas apresentadas em porcentagem nos Quadros 1 e 2 corresponde para:

- a. os Espaços livres públicos – o somatório das áreas de praças, parques, áreas verdes e caixa viária (calçadas, canteiros, espaço de circulação de veículo - dimensões levantadas *in loco* ou por medição em cartografia);
- b. gleba ou lote privado;
- c. os espaços de uso público e coletivo – o somatório das áreas dos canteiros e calçadas e das áreas livres verdes e de lazer público (elimina-se aqui o espaço de circulação de veículos);
- d. as áreas potenciais para a qualidade da vida urbana – o somatório das áreas dos canteiros e calçadas, das áreas livres verdes e de lazer público e das Apps.

Estes dados pautaram as reflexões e aproximações apresentadas.

3 | O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA ESTRUTURA URBANA

À luz das reflexões sobre território de Raffestin (1993) e Souza (2000), sobre sistemas de espaços livres de edificação de Macedo (1995) e Queiroga et al. (2011), sobre exercício de poder de Foucault (1979) e Souza (2000) e da natureza peculiar das cidades de Jacobs (2000), fez-se a análise cartográfica dos espaços destinados aos diferentes usos das caixas de ruas, diferenciando o espaço de circulação de veículos dos espaços de circulação e de convívio de pedestres. Assim foi possível compreender a área média reservada para os canteiros e calçadas (entendido efetivamente como de uso público e coletivo e, portanto, local potencial ao encontro e ao exercício da cidadania), e a parcela média ocupada pelas pistas de rolamento

dos veículos (entendido como público de uso restrito ao veículo privado e em velocidade e, portanto, local não potencial ao encontro e ao exercício da cidadania). A análise comparativa dos dados e resultados dos três períodos estudados para as duas cidades auxiliam na compreensão do potencial dos espaços livres públicos enquanto qualificadores da vida urbana.

3.1 Chapeco/SC

O Município de Chapecó foi criado pela Lei 1.147 de 1917 e sua efetiva ocupação enquanto urbanização ocorreu por meio de empresa colonizadora privada. A estrutura urbana da década de 1930 se caracteriza basicamente por ruas largas, de ampla conexão e acesso. Até a década de 1960 e 1970 se tem a consolidação da ocupação deste território e do processo construtivo principalmente em dois pavimentos. Na avenida principal da cidade, chegou-se, em alguns casos, a quatro pavimentos. Estas edificações abrigavam sobretudo comércio ou serviços no térreo e uso residencial nos demais pavimentos, que conjuntamente com as possibilidades de conexões/ acessos do traçado, induziam e intensificavam as relações sociais nas calçadas: o que passaria a ser uma característica local. A intermediação que Chapecó desempenha na região se mostra significativa desde os seus primórdios com o ciclo do plantio da erva mate e da extração de madeira, períodos em que já se destacava como principal polo comercial local.

A estrutura urbana de Chapecó em 1965 (Figuras 2 e 3) apresentava um núcleo urbano de 299 ha e atendia a uma população de 10.939 habitantes (21% da população total do município segundo dado IBGE de 1960). Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

32,7% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
67,3% se destinava a gleba ou lote privado; e
6,4% se destinava as APPs.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se 17% do total da área urbana com potencial para o uso público e coletivo.

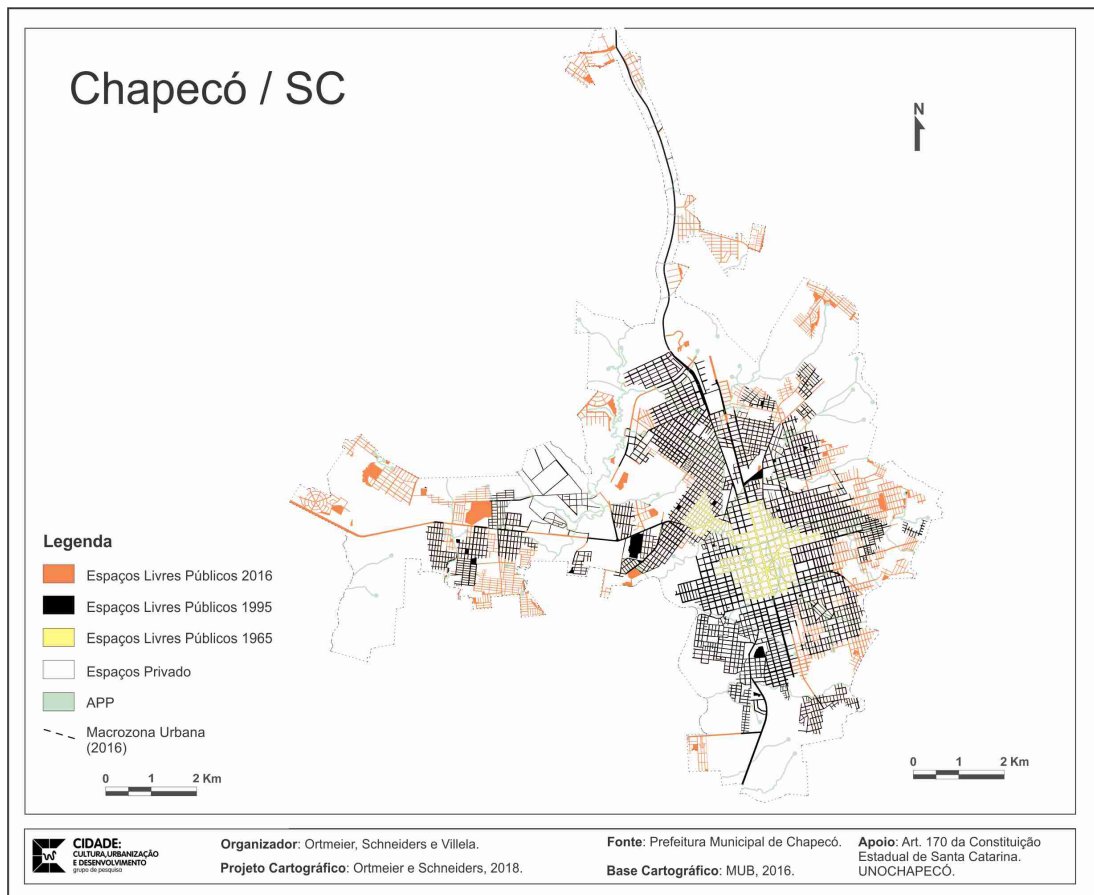


Figura 2: Mapa Figura/Fundo do núcleo urbano de Chapecó. 1965, 1995 e 2016.
Fonte: Alexander Ortmeier; Emanuelli Schneiders; Ana Laura Villela, sobre base IBGE, 2016.

Na década de 1980 intensificam-se as construções em quatro pavimentos, chegando a seis em alguns casos. Do ponto de vista das caixas viárias observa-se a manutenção dos sistemas lineares de generosas dimensões, reforçando que Chapecó sempre teve um desenho urbano audacioso, mas que desde sua origem resguarda boa parte desta área para a circulação de veículos.

A estrutura urbana de Chapecó em 1996 (Figura 2) apresentava em núcleo urbano de 3.755,08 ha e atendia uma população de 113.988 habitantes (87% do total do município segundo contagem IBGE de 1996). Apresentava uma expansão da malha com caixas de rua em torno de 15 a 20m, onde em muitos casos foi retirado o canteiro central e reduzida a calçada de 3m para 2m: uma clara contradição com as intenções do desenho original, e que caracterizava a cidade até este momento. Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

- 23,3% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
- 76,7% se destinava a gleba ou lote privado;
- 4,3% se destinava as APPs.



Figura 3: Vista da Av. Getúlio Vargas. Chapecó, década de 1960.

Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó. Data: 1960.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se 11,9% do total da área urbana com potencial para o uso público e coletivo.

A estrutura urbana em 2016 (Figura 2) apresentava um núcleo urbano de 6.304,42 ha e atendia uma população de 205.795 habitantes (estimativa Censo IBGE de 2015). A expansão da malha utilizou-se de caixas viárias em torno de 11 a 20m. Nestas, em muitos casos, foi retirado o canteiro central e a calçada permaneceu estreita, além da redução na pista de rolamento de veículos, reforçando a clara contradição com as intenções do desenho original (de conexão e articulação do sistema) e que caracterizava a comunidade chapecoense na sua origem. Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

21,5% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
78,5% se destinava a gleba ou lote privado;
3,7% se destinava as APPs.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se 11,7% do total da área urbana com potencial para o uso público e coletivo.

Importante observar que o pseudo aumento no valor médio dos canteiros e calçadas deste período não estão vinculadas a um aumento real destes espaços,

mas sim a redução das pistas de rolamento dos veículos, onde muitas vezes foram retirados os estacionamentos destas vias, e que, a longo prazo, além de não qualificar os espaços de convívio coletivos comprometem a mobilidade urbana como um todo.

Período	Núcleo urbanizado (Ha)	População Urbana	Espaços livres públicos (%)	Gleba ou lote privado (%)	APP (%)	Área urbana potencial para o uso público e coletivo (%)
1965	298,9	10.939	32,7	67,3	6,4	17
1996	3.755,0	113.988	23,3	76,7	4,3	11,9
2016	6.304,4	213.279*	21,5	78,5	3,7	11,7

Quadro 1: Comparativos do Núcleo Urbano de Chapecó: 1965, 1996 e 2016.

* estimativa IGBE (2017)

Fonte: elaboração dos autores.

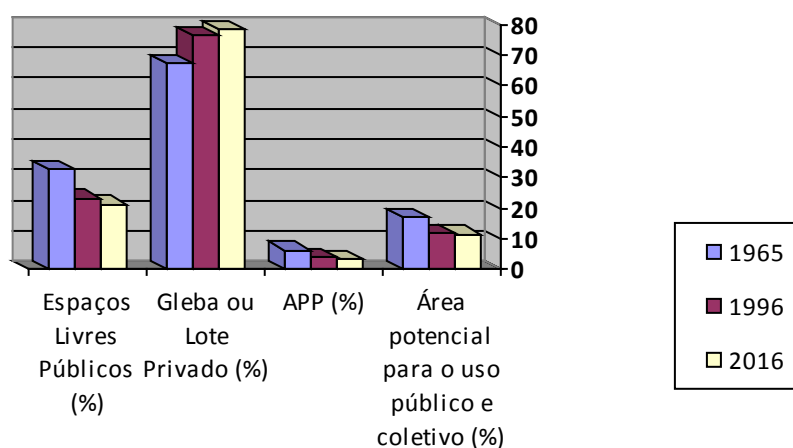


Gráfico 1: Comparativos do Núcleo Urbano de Chapecó: 1965, 1996 e 2016.

Fonte: elaboração dos autores.

Os dados mostram (Quadro 1 e Gráfico 1) que em 31 anos (de 1965 a 1996) o núcleo urbanizado de Chapecó aumentou 1.256,3%, a população 1.042% e a área de gleba ou lote privado 114%. Paralelamente reduzem-se as áreas de espaços livres públicos (-28,7%), as APPs (-32,8%) e as áreas urbanas potenciais para o uso público e coletivo (-30%).

Nos 20 anos entre 1996 e 2016 observa-se que o núcleo urbanizado de Chapecó aumentou 168%, a população entorno de 187% e a área de gleba ou lote privado em 102%. Paralelamente reduzem-se as áreas de espaços livres públicos (-8%), as APPs (-14%) e as áreas urbanas potenciais para o uso público e coletivo (-1,7%).

Importante destacar o aumento sistemático das glebas ou lotes privados e que o pequeno aumento na porcentagem dos espaços de uso público e coletivo não representa aumento das áreas de convívio coletivo, pois, em geral, resultam

da eliminação das áreas de estacionamento de veículos, principalmente nos assentamentos de interesse social (Figura 4).



Figura 4: Vista da caixa de rua da Rua Kasulo – Bairro Seminário.

Fonte: Ana Laura Vianna Villela. Data: março, 2018.

Por fim, reforça-se o entendimento de que a simples existência de áreas livres não significa que exista vitalidade nestes espaços e muito menos que qualificam a vida dos cidadãos na cidade. Por outro lado, esta falta de incremento quantitativo dos espaços livres públicos na estrutura urbana de Chapecó ao longo do tempo, quando analisado conjuntamente à baixa qualidade destes espaços, se apresenta como um exercício negativo de poder (intencionalidade negativa) que, segundo Foucault, afeta/transforma a forma como os habitantes se relacionam com o espaço coletivo. Pontos do impacto deste processo são, na atualidade, a utilização de áreas de estacionamentos para lazer ativo como andar de bicicleta e skate e a utilização das vias de circulação de veículos para jogar taco, futebol dentre outros esportes coletivos – fato mais frequente nas áreas periféricas.

3.2 Passo Fundo/RS

O Município de Passo Fundo foi elevado à condição de município em 28 de janeiro de 1857. O núcleo urbano inicial se organizou a partir da via que acolhia o Caminho das Tropas, hoje conhecida como Avenida Brasil, e que desde aquele momento divide/secciona a urbanização (SOBARZO, 2010). A estrutura urbana de 1922, impactada pelo eixo ferroviário do século anterior, atendia uma população urbana de 6.000 habitantes, sendo esta 9,2% da população total do município, e se caracteriza basicamente por ruas largas, de ampla conexão e acesso. Segundo Ferretto (2011) até 1950 ocorreu a formação do centro e dos primeiros bairros residenciais a partir de uma ocupação relativamente compacta e o processo mais efetivo de verticalização a partir da década de 1970. A intermediação que Passo Fundo desempenha na região se mostra significativa desde o século XIX.

A estrutura urbana em 1922 (Figura 5) apresentava um núcleo urbano de 416,81 ha e atendia uma população de 6.000 habitantes (9,2% da população total do

município). Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

- 33,6% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
- 66,4% se destinava a gleba ou lote privado;
- 3,1% se destinava as APPs.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se que 16,7% do total da área urbana potencial para o uso público e coletivo.

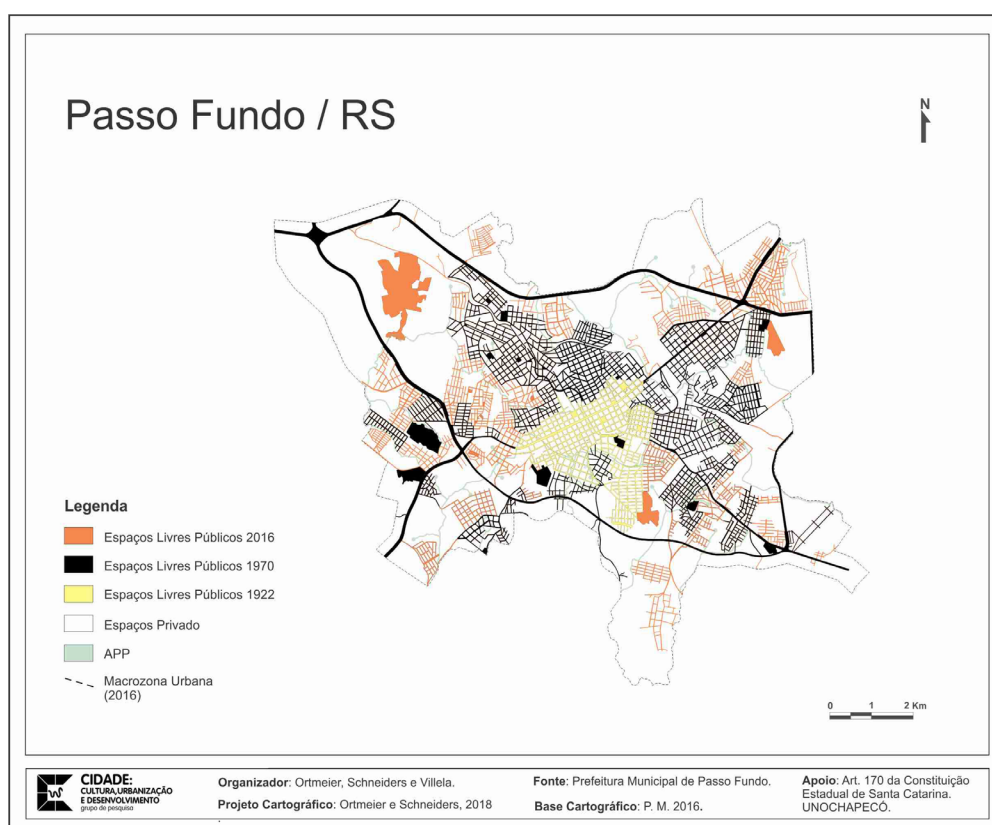


Figura 5: Mapa Figura/Fundo do núcleo urbano de Passo Fundo. 1922, 1970 e 2016.

Fonte: Alexander Ortmeier; Emanuelli Schneiders; Ana Laura Villela, sobre base IBGE, 2016.

A estrutura urbana em 1970 (Figuras 5 e 6) apresentava um núcleo urbano de 4.056,50 ha e atendia uma população de 70.869 habitantes (75,5% da população total do município). Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

- 22,4% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
- 77,5% se destinava a gleba ou lote privado;
- 3,5% se destinava as APPs.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se que 13,2% do total da área urbana potencial para o uso público e coletivo.

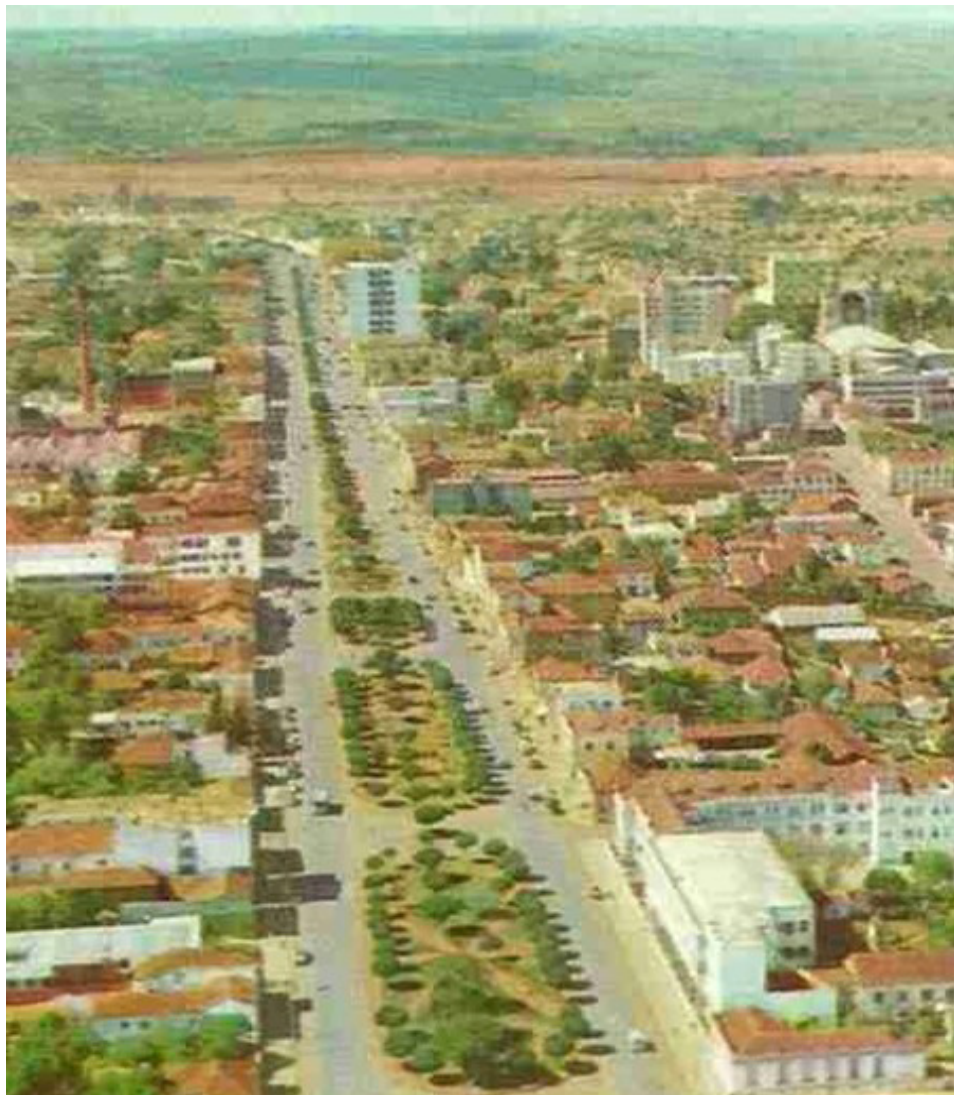


Figura 6: aérea de Passo Fundo na década de 1970. Em destaque a Av. Brasil.

Fonte: <https://martinellilucia.blogspot.com.br/search?updated-min=2016-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2017-01-01T00:00:00-08:00&max-results=32>. Acesso: março de 2016.

A estrutura urbana em 2016 (Figura 5) apresentava um núcleo urbano de 6.881,33 ha e atendia uma população de 184.869 habitantes (97,4% da população total do município). Neste período o território urbanizado se organizava da seguinte forma:

- 24,7% se destinava aos espaços livres públicos (praças, parques e caixas viárias);
- 75,3% se destinava a gleba ou lote privado;
- 2,3% se destinava as APPs.

Somando as áreas livres verdes e de lazer público, as áreas dos canteiros e calçadas e as APPs, tem-se que 13,2% do total da área urbana potencial para o uso público e coletivo.

Período	Núcleo urbanizado (Ha)	População Urbana	Espaços livres públicos (%)	Gleba ou lote privado (%)	APP (%)	Área urbana potencial para o uso público e coletivo (%)
1922	416,81	6.000	33,6	66,4	3,1	16,7
1970	4.056,5	70.737	22,4	77,5	3,5	13,3
2016	6.881,3	180.120	24,7	75,3	4,2	13,2

Quadro 2: Comparativos do Núcleo Urbano de Passo Fundo: 1922, 1970 e 2016.

Fonte população: Censo Demográfico IBGE e Sobarzo, 2010.

Fonte: elaboração dos autores.

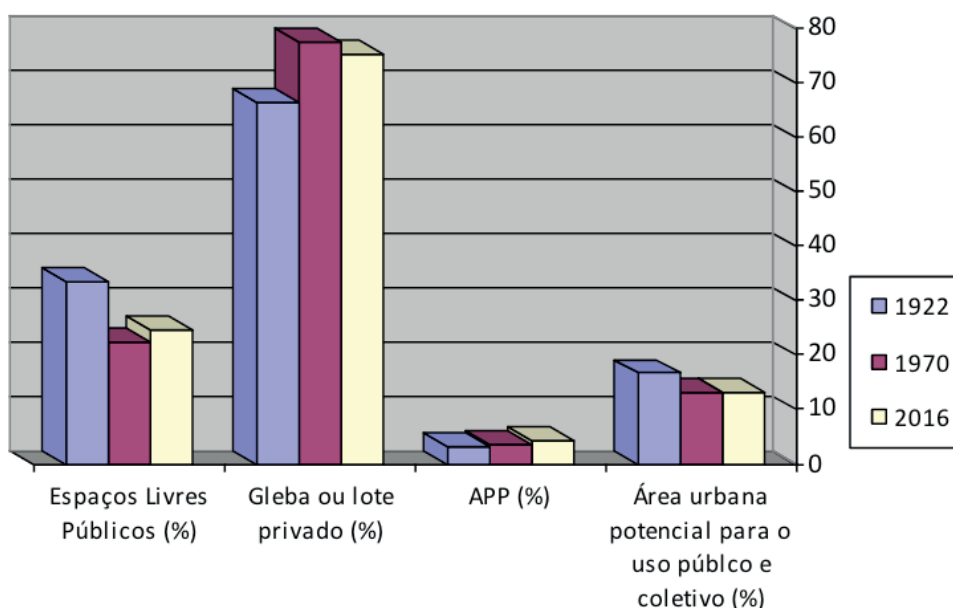


Gráfico 2: Comparativos do Núcleo Urbano de Passo Fundo: 1922, 1970 e 2016.

Fonte: elaboração dos autores.

Os dados mostram (Figura 5, Quadro 2 e Gráfico 2) que em 48 anos (de 1922 a 1970) o núcleo urbanizado de Passo Fundo aumentou 973%, a população 1.179%, a área de gleba ou lote privado 117% e as APPs 113%. Paralelamente reduzem-se as áreas de espaços livres públicos (-33,3% e as áreas urbanas potenciais para o uso público e coletivo (-20,4%).

Nos 46 anos entre 1970 e 2016 observa-se que o núcleo urbanizado de Passo Fundo aumentou 170%, as áreas de espaços livres públicos 110% e as áreas de APP 120%. Paralelamente reduzem-se as áreas de gleba ou lote privado (-2,8%) e as áreas urbanas potenciais para o uso público e coletivo (-0,8%).

Reforça-se o entendimento de que a simples existência de áreas livres não significa que existe vitalidade nestes espaços e muito menos que qualificam a vida dos cidadãos na cidade, mas apontam intencionalidades: fato que pode ser observado no processo de Passo Fundo. As áreas de APP sempre apresentaram

incremento, isso somado a retomada do acréscimo dos Espaços Livres Públicos e a redução das áreas destinadas a gleba ou lote privado observado em 2016, auxiliam a compreensão do constante valor percentual das áreas urbanas potenciais para o uso público e coletivo. Este contexto é reforçado na atualidade pelas ações públicas que, diferentemente do caso de Chapecó, protagonizaram e ressignificaram importantes espaços livres públicos da cidade – ver o Novo Parque da Gare inaugurado em 2016 entre outros espaços.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partiu-se da compreensão de que a análise do processo de consolidação da estrutura urbana de Chapecó/SC e Passo Fundo/RS apontariam as intencionalidades para a qualidade de vida dos habitantes. Particularmente focou-se no entendimento de que parte da unidade geradora de bem-estar das cidades perpassa pela existência de espaços livres públicos e que a relação entre a estrutura urbana e a vida social explicitam instâncias de poder ao mostrarem intencionalidades, ou não, para qualificar a vida dos habitantes.

O recorte espacial sob duas cidades médias, num primeiro momento se deu pelo entendimento de que estas cidades ao fazerem intermediações de serviços, produção, entre outros, em suas regiões (aspectos desenvolvidos nas obras citadas) seriam sensíveis a uma mudança de pensamento e ação sobre a estrutura urbana: o que claramente se mostrou verdadeiro quando na comparação dos processos.

Constatou-se que ambas as cidades ao longo do tempo perderam potencial para área urbana de uso público e coletivo, tal como, parques, praças, APPs, canteiros e calçadas, mas com processos diferentes. Chapecó apresenta crescente redução das áreas de espaços livres e APPs enquanto que Passo Fundo apresenta crescente acréscimo das áreas de APPs e saldo positivo quanto as áreas de espaços livres. A comparação dos processos até a atualidade possibilitou compreender a influência e poder do gestor público na oferta de espaços públicos, e conseqüentemente sobre os resultados apresentados.

Perder espaços potenciais para a qualificação da vida nas cidades, segundo Jacobs, seria o mesmo que abrir mão do controle e da segurança do espaço e que para Souza se apresenta como um exercício de poder: negativo para Chapecó ao apresentar quantitativos decrescentes quanto a constituição de espaços livres públicos na estrutura urbana, explicitando o esvaziamento sistemático do planejamento ativo, com vistas à futuras construções de vitalidade no território, as quais visam a qualidade de vida de seus habitantes; e positivos no caso de Passo Fundo, que na atualidade possui projetos de qualificação dos espaços livres públicos, explicitando o processo de retomada em prol da qualidade de vida de sua comunidade ao aumentar

e qualificar os espaços livres públicos e com isso a possibilidade de incentivar as trocas e convívio.

Contudo o método das cartografias de figura e fundo possibilitaram observar a intencionalidade de criação dos espaços potenciais para uso e convívio coletivo durante a consolidação da estrutura urbana, permitindo uma primeira avaliação da decisão pela qualidade de vida dos cidadãos durante o processo de urbanização e que esta se mostrou aberta para aplicação e análise de outras cidades médias brasileiras, possibilitando uma agenda bem mais complexa de pesquisa e reflexão.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPÓSITO, Maria Encarnação B. **Cidades Médias: Espaços em transição**. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- FERRETTO, Diego. **Passo Fundo: estruturação urbana de uma cidade média gaúcha**. 2011. 176p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. In: **Revista Paisagem Ambiente**. Ensaios 07, junho 1995. p. 15-56.
- MATIELLO, A. M.; VILLELA, A. L. V.; FUJITA, C.; OTSUSCHI, C.; ALBA, R. S. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPÓSITO, M. E. B.; MAIA, D. S. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional – Dourados e Chapecó**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.
- QUEIROGA, E. et al. Notas sobre os sistemas de espaços livres da cidade brasileira. In: CAMPOS et al (orgs.). *Sistemas de Espaços Livres: conceitos, conflitos e paisagem*. São Paulo: FAUUSP, 2011. p. 11-20.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SCHLEE, Mônica Bahia; NUNES, Maria Julieta; REGO, Andréa Queiroz; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; DIAS, Maria Ângela; TÂNGARI, Vera Regina. **Sistemas de Espaços Livres –conceitos, conflitos e paradigmas**. 2011.

SOBARZO, Oscar. Passo Fundo: cidade média com funções comerciais, de serviços e de apoio ao agronegócio. In: SPÓSITO, M. E. B.; ELIAS, D.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional - Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Cidades Médias: Espaços em transição**. Presidente Prudente: Expressão Popular, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453

Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424

Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465

Arqueologia Pós Desastre 96, 99

Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457

Arquitetura sensorial 1

Automação 357, 363, 364, 368, 369

Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466

Construção sustentável 357, 359

Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

D

Desastre ambiental 244

Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200

Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314

Espaço de preservação 1

Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289

Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

F

Fontes renováveis 370, 371, 373

H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491
Policromia 108, 109, 110, 111, 120
Pontes 380, 381, 382, 391, 392
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

R

Reconstituição 14, 24, 391
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

S

Serviço social 134, 135, 136, 144
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

